

Cacau, de Jorge Amado: a ascensão do romance proletário no Brasil (90 anos depois)

Cacau, by Jorge Amado: the Rise of the Proletarian Novel in Brazil (After 90 Years)

Autoria: Edvaldo A. Bergamo

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7390-7653>

 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7021881106861960>

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2023.213055>

URL do artigo: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/213055>

Recebido em: 02/06/2023. Aprovado em: 05/06/2023.

Opiniões – Revista dos Alunos de Literatura Brasileira

São Paulo, Ano 12, n. 22, jan.-jun., 2023.

E-ISSN: 2525-8133

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Website: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes>.

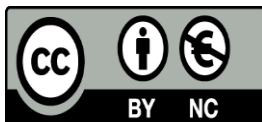
Contato: opiniaes@usp.br

 [fb.com/opiniaes](https://www.facebook.com/opiniaes)  [@revista.opiniaes](https://www.instagram.com/revista.opiniaes)

Como citar (ABNT)

BERGAMO, Edvaldo A. *Cacau*, de Jorge Amado: a ascensão do romance proletário no Brasil (90 anos depois). *Opiniões*, São Paulo, n. 22, pp. 228-242, 2023. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2023.213055>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/213055>.

Licença Creative Commons (CC) de atribuição (BY) não-comercial (NC)



Os licenciados têm o direito de copiar, distribuir, exibir e executar a obra e fazer trabalhos derivados dela, conquanto que deem créditos devidos ao autor ou licenciador, na maneira especificada por estes e que sejam para fins não-comerciais.

cacau, de jorge amado: a ascensão do romance proletário no brasil (90 anos depois)

Cacau, by Jorge Amado: the Rise of the Proletarian Novel in Brazil (After 90 Years)

Edvaldo A. Bergamo¹

Universidade de Brasília – UnB

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2023.213055>

¹ Realiza Pós-Doutorado (FAP/DF) na Università degli Studi de Perugia (UniPG). Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP. É professor de Literatura Portuguesa e de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa do Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília (UnB). E-mail: edvaldobergamo@unb.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7390-7653>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7021881106861960>.

Resumo

O artigo examina a obra *Cacau*, de Jorge Amado, como um admissível romance proletário da matéria rural brasileira. A conhecida obra do autor baiano é uma referência incontornável do denominado romance de 1930, por expor com veemência os empecilhos nacionais insuperados 90 anos depois, como a disputa pela posse da terra, a exploração da mão-de-obra de trabalhadores sem direitos, a condição dependente da nossa economia agroexportadora no sistema-mundo global. Ademais, insere-se como forma literária na disputa sem fronteiras pelos rumos do processo histórico, ao vislumbrar na alternativa revolucionária universal a ultrapassagem dos impasses locais seculares que subjugavam as classes subalternas à condição de dominados das oligarquias regionais subordinadas ao capital internacional.

Palavras-chave

Jorge Amado. *Cacau*. Romance de 1930. Mundo do trabalho. Impasses brasileiros.

Abstract

This paper examines the novel *Cacau*, by Jorge Amado, as a possible proletarian novel of Brazilian rural matter. The well-known work of the author from Bahia is an unavoidable reference to the so-called 1930's novel, for it vehemently exposes the national obstacles that weren't overpassed after 90 years, such as the struggle for land ownership, the exploitation of workers without rights, the dependent condition of our economy based on agro-exportation based economy in the global world-system. Moreover, the work presents itself as a literary form in the frontierless dispute for the direction of the historical process by envisioning in the universal revolutionary alternative the overcoming of the century-old local impasses that subjugated the subaltern classes to the condition of being dominated by regional oligarchies, which are, in their turn, subordinated to international capital.

Keywords

Jorge Amado. *Cacau*. 1930 Novel. World of Work. Brazilian Impasses.

Eu ficava pensando naquela esperança de todo operário,
esperança que já era um pouco minha.

Jorge Amado

Jorge Amado, com a sua ficção comprometida,
cumpriu a tarefa de politizar a imaginação criadora.

Fábio Lucas

considerações iniciais

Jorge Amado (1912-2001) continua a ser um romancista de muito interesse na literatura brasileira, merecedor de um exame detido das questões intrincadas que sua obra suscita. Trata-se de um problema literário estimulante para o pensamento crítico ou para o estudioso que se debruçar sobre uma produção extensa e intensa que ininterruptamente angariou uma recepção polêmica e que possibilitou ao mesmo tempo uma reflexão significativa sobre a história e a sociedade brasileiras, visto que a criação artística do ficcionista baiano apresenta uma sintonia fina com os principais impasses nacionais ao longo do século XX, sem abdicar de certas características típicas do chamado romance de 30, do qual o autor é um dos principais artífices, ao perpetrar o legado de tão importante produção romanesca coletiva, por intermédio de uma trajetória absolutamente vitoriosa, no tocante ao sucesso junto ao público, e controversa, no que diz respeito a grande parte de sua fortuna crítica.

Os aspectos mais sobressalentes de tal romance de apelo social, na figuração do imaginário amadiano, tornam-se reconhecíveis em obras que dão a ver os impactos do subdesenvolvimento econômico, da modernização incompleta e dos conflitos sociais acirrados, aspectos contraditórios da formação histórica e cultural do Brasil, cujas incongruências principais atinentes à classe e à raça são faces da mesma problemática: a opressão exacerbada do trabalhador do campo e da cidade proporcionada por um sistema de superexploração caracterizado como capitalismo monopolista de ranço colonial.

Assim, o ideário do romancista da Revolução de 30, como está estampado em *Cacau*, reverbera numa produção romanesca pautada pelo realismo histórico subordinado às demandas de uma realidade social e política desafiadora, em nível local e global. Os impasses da revolução brasileira correlacionados ao contexto estético e ideológico da primeira metade do século XX: o predomínio do latifúndio, a luta pela terra e a possibilidade de ruptura de uma ordem de coisas que mantinha as massas trabalhadoras sob um apertado controle.

1. jorge amado e o romance de 30

O romance 30 caracteriza-se pela ênfase no projeto ideológico, considerando a conjuntura histórica do tempo, estreitamento autoritário e demandas sociais urgentes, com foco na revalorização do realismo e no aprofundamento da questão política. De acordo com João Luís Lafetá (2000),

grande parte da produção ficcional produzida, a partir da década de 1930, caracteriza-se pelo arrefecimento dos experimentalismos de vanguarda, por força da urgência histórica que pedia, até mesmo no plano artístico, uma ação doutrinária efetiva. Em razão da necessidade de eficácia comunicativa junto ao público, o romance, numa retomada de sua vocação verista primordial, sob as novas bases ideológicas, aposta majoritariamente em um conteúdo sintonizado com os impasses estruturais e transfigurado em formas estéticas validadas. Tal realismo reformulado, em atendimento ao movimento da História, que combatia o modelo econômico capitalista e burguês, expandiu-se por diversas partes do Globo.

O campo intelectual de esquerda da primeira metade do século XX, na defesa de uma arte de intervenção política, propunha abertamente a tensa articulação entre a forma literária e o processo histórico. A narrativa de realce social, espelhando uma consciência aguda do subdesenvolvimento, passa a retratar a exploração do trabalho assalariado do campo e da cidade, a luta pela posse da terra em face do domínio do latifúndio e a presença relevante de novos agentes no espaço público, como o trabalhador, a mulher, a criança, o negro. A obra comprometida do período apresenta os entraves de um projeto modernizador inconcluso no Terceiro Mundo, destacando a opressão sofrida pelo trabalhador do campo, a condição marginalizada do lumpemproletariado da cidade e o problema do negro numa sociedade racista e excludente. O foco principal está na figuração romanesca do assalariado rural sem direito à terra e à dignidade, na espoliação do operário em condições degradantes de moradia, trabalho e alimentação, desnudando, assim, os supostos avanços de um modelo econômico internacional que atendia aos interesses de potências hegemônicas e piorava as condições de vida em países periféricos.

O escritor Jorge Amado foi profundamente influenciado por toda essa atmosfera estética e ideológica característica da década de 1930, tornando-se um romancista inteiramente atento aos desdobramentos do contexto revolucionário da época, em circunstâncias locais e globais. O mencionado decênio fornece os parâmetros basilares do projeto literário de Jorge Amado. Numa quadra em que a marcha mundial das revoluções parecia finalmente atingir os seculares fundamentos espoliadores da sociedade brasileira, a saber, o predomínio do latifúndio, a violência de classe dos donos do poder, a monocultura exportadora, a ideologia do favor etc., o romance de 30 problematiza certos entraves nacionais oriundos do campo e da cidade. E Jorge Amado, coparticipante dessa geração de escritores que examinou por intermédio da transfiguração artística os problemas da região como impasses da nação, articula sua criação romanesca em consonância com uma perspectiva que visa a passar o Brasil em revista, antecipando-se, pelo prisma da literatura, a análise da realidade material que será realizada pelas áreas específicas do conhecimento científico em décadas posteriores.

Jorge Amado é, indiscutivelmente, até hoje, um dos romancistas brasileiros mais conhecidos no exterior. Nasceu numa fazenda de cacau na parte mais meridional do Estado da Bahia, no município de Itabuna. Desde a infância, o célebre escritor conviveu com os trabalhadores das plantações, os jagunços arregimentados, os coronéis e agregados de um território natural demarcado pelas árvores do “fruto de ouro”. Testemunhou o surgimento e/ou o crescimento de

idades, com destaque para Ilhéus, “a princesinha do Sul”, maior conglomerado da região, cujo desenvolvimento mereceu a construção de um porto para a exportação direta de um dos principais produtos agrícolas brasileiros à época, ao lado do café. Jorge Amado é descendente da oligarquia grapiúna: uma ordem política, social e econômica que também ajudou a sustentar o período da chamada República Velha. Por pertencer a uma família com posses, estudou em colégio da elite baiana em Salvador e, posteriormente, cursou Direito na capital federal. Os anos juvenis de estudos na capital baiana lhe possibilitaram o conhecimento e a convivência em franca liberdade com o ambiente popular da cidade mais negra do Brasil de matriz africana. Já a etapa carioca dos estudos lhe garantiu o contato com correntes políticas decisivas em sua formação intelectual e artística, num cenário mais complexo e diverso da sede dos poderes de então.

Jorge Amado sempre se considerou um típico romancista de 30, de acordo com o discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, em 1961. A Revolução de 30, ao impor o fim da República Velha, caracterizada pela “política café com leite”, sustentada pelos coronéis latifundiários, pelo mandonismo local e pela alternância de poder monitorada, foi um levante que veio a inaugurar uma nova etapa da vida brasileira, com reflexos determinantes no processo de atualização da inteligência nacional, notadamente no âmbito da cultura, da ciência e da política. Os ganhos da referida insurreição afetaram a compreensão, sob a ótica dos idealizadores da forma narrativa empenhada, acerca da realidade adversa de um país subdesenvolvido. O romance de 30 significou uma ação coletiva coordenada de descoberta e de interpretação das disparidades regionais, com foco especialmente nas agruras do trabalhador braçal do campo e da cidade, ante o domínio do senhorio de terras e do capitão de indústria, merecendo destaque igualmente a situação do negro e da mulher (os outros de classe, ao lado do empregado remunerado), que também aparecem como parte constitutiva de impasses seculares intransponíveis. “Com posição ideológica voltada para o socialismo, Jorge Amado se desloca do modernismo (simbolizado pelas máquinas e indústrias) e passa a ver a extrema desigualdade social e racial no Brasil” (ALVES, 2013, p. 104).

O escritor em questão, oriundo dos meandros da aristocracia rural cacaueteira, encetou, pelas trilhas da literatura, um movimento decisivo em direção aos segmentos oprimidos, um deslocamento de classe, o que é bastante característico da geração modernista dos anos 30, a mais politizada e polarizada ideologicamente. Uma adesão irrestrita às causas do espoliado, pois era a hora e a vez do despossuído no romance, em escala mundial. Jorge Amado viveu intensamente a “era dos extremos” do “breve século XX”. Chegou a completar setenta anos de vida literária, numa trajetória pessoal, política e literária em total correlação com os principais dilemas da referida centúria. Seu itinerário artístico e espiritual ficou balizado por vários acontecimentos históricos marcantes: em dimensão global, a expansão dos ideários socialistas, a ascensão e derrota do fascismo e do nazismo, as consequências da Segunda Guerra Mundial com a Guerra Fria e a descolonização em escala planetária; em proporção local, o arrocho do Estado Novo getulista nos anos 30 e a recidiva autoritária da ditadura civil-militar pós- 1964, um golpe contra as reformas de base esboçadas.

O projeto romanesco de Jorge Amado segue um rigoroso enquadramento estético-ideológico, seguramente um legado dos agitados anos 30: a figuração

estética dos contornos sobressalentes de um país de base arcaica (colonização e escravidão), carimbada pelo atraso e pelo retrocesso, que sustenta uma dinâmica social singular na qual se sobressaía, contudo, uma certa elite dirigente ilustrada interessada no alcance do progresso almejado, numa solução de continuidade sob o respaldo da (re)conciliação permanente. Assim, os proletários à brasileira da periférica capital baiana, os trabalhadores e os fazendeiros das terras do cacau são aspectos constitutivos de um país caracterizado pelo descompasso e pelo descalabro, em termos de um desenvolvimento desigual prolongado e jamais suplantado. O projeto nacional-popular de Jorge Amado apresenta, enfim, uma unidade temático-formal que perpassa toda a obra, como um escritor que se manteve fiel aos ideários de 30, mesmo com os (re)ajustes ficcionais realizados ao longo de uma comprida carreira literária, totalmente incomum no Brasil, pois viveu bastante e com intensidade, inclusive com o registro de uma absorvente convivialidade político-cultural (por cartas e/ou em presença) com os maiores artistas e intelectuais do século XX.

2. *cacau*: um romance proletário da matéria rural brasileira

O realismo e seus problemas adquirem outras e novas conotações estéticas e ideológicas em contexto periférico terceiro-mundista. No Brasil, o autor empenhado em esclarecer as adversidades típicas de tal conjuntura histórica tende a espelhar a condição controvertida do escritor, da literatura e da sociedade nas bordas do sistema capitalista mundial, apresentando uma visão de mundo lancinante de formações sociais decorrentes da nossa pregressa condição colonial e escravocrata. A criação artística é atravessada por contradições de natureza vária que não podem ser ignoradas, e não menos importante, é estimulada por perspectivas de transposição que estão no horizonte do artista cômico de sua condição histórica.

A teoria tardia do romance não parece desconhecer ou negligenciar as dificuldades do realismo no âmbito da literatura mundial em sua configuração nacional (desenvolvimento combinado e desigual). As origens controversas de tal modo épico, a hegemonia do gênero nos séculos das revoluções, as transformações sucessivas de uma forma moderna aberta são sabidamente alguns marcos constitutivos de uma categoria narrativa comprometida, no sentido forte da palavra, em vislumbrar os contornos mais emblemáticos de uma realidade social, econômica, política em mutação constante. O mapa do romance demonstra sua capilaridade planetária como forma narrativa interessada em captar o realismo sem fronteiras das origens das nações, os reveses das lutas de classes, os embates pessoais e coletivos dos indivíduos problemáticos, os contornos abissais da vida pública e privada, os conceitos de leitura particular e de consumismo em tempos (ultra)liberais, os desafios da linguagem cinematográfica, as incorporações de outros sujeitos históricos adstritos à era pós-colonial ainda por ser ultrapassada cabalmente, dentre muitos outros fatores determinantes da forma cambiante de intrincada apreensão do romance como epopeia burguesa.

Por estas bandas, o romance é uma forma importada e incorporada à experiência histórica brasileira a partir do século XIX. O aparecimento da ficção

longa vincula-se ao esforço artístico e intelectual de imaginar a nação liberta das predestinações coloniais, de representar o incipiente entrelaçamento das complexas relações de classe com a escravidão de permeio, de consubstanciar as fragilidades de uma formação social e cultural coeva caracterizada pelo analfabetismo acachapante, pela precariedade das instituições culturais e educacionais, pela dificuldade de acesso ao livro e ao mundo da leitura e à própria leitura do mundo por tabela. Distorções de base que nem o nacionalismo programático das forjas imperiais e nem o nacionalismo ativista dos prospectos republicanos conseguiram vencer e suplantar definitivamente, em vista de uma almejada pátria integrada e inclusiva.

O romance de 30 é considerado o primeiro movimento coletivo de tal gênero literário por aqui, expressamente empenhado na figuração dos impasses locais mais contundentes do consabido subdesenvolvimento brasileiro, de maneira especial os óbices que opunham nação e região, litoral e sertão, campo e cidade, rural e urbano, cosmopolitismo e provincianismo, entre outros componentes de uma dialética à brasileira. Os inúmeros títulos e diversos autores que surgiram com força de novidade acarretaram um abalo sísmico invulgar no sistema literário brasileiro (romance e causalidade interna), cujas principais manifestações orientavam-se das províncias abandonadas do Norte-Nordeste para as supostas metrópoles agitadas do Centro-Sul. Da equidistante hinterlândia projetavam-se imagens de um país ignoto para as elites letradas de certas capitais sudestinas, as tais nobiliarquias ilustradas concebidas como um segmento dependente das classes dominantes. A representação arrojada do cabra, do enxadeiro, do roceiro, do peão, do pescador, do vaqueiro, do proprietário arruinado, do herdeiro decadente, da mulher submissa, do negro dominado, do índio aviltado redimensionava os dilemas da formação nacional incompleta e deixava em carne viva os extravios da modernização conservadora pelo alto. Era o ambicioso projeto literário de um romance, entre o comprometimento social e a incidência intimista, demarcado pelo sentimento de grupo para examinar as entranhas de um país de procedência colonial e escravocrata a meio caminho entre a barbárie e a civilização. O realismo periférico do romance brasileiro de 30 é a prova de fogo de que a particularidade nacional é aspecto incontornável de toda e qualquer especificidade estética válida, o que tornou o romance por cá uma forma literária privilegiada de retratar a questão local como parte das incongruências de um sistema global calibrado para provocar miséria, superexploração e neurose às populações de países destinados a produzir e exportar commodities, de entremeio a uma camada dirigente entreguista e parasita.

Cacau é o segundo romance de Jorge Amado, publicado em 1933, o qual traz à tona a situação de trabalhadores que dependiam de uma cultura de exportação, mantendo a riqueza de poucos privilegiados angariada à custa de máxima exploração de muitos serviçais daquele modo de produção agrícola. Um romance proletário à brasileira, claro está, dadas as nossas circunstâncias formativas assentadas numa trágica base ruralista inexpugnável e num processo de industrialização sempre adiado, atravancado. O narrador-protagonista chama-se José Cordeiro, mais conhecido como “Sergipano”, por conta de sua situação de imigrante interno, de deslocado compulsório por atividade laboral. O personagem central vem de uma família abastada, porém com a morte do pai, assiste ao extravio dos bens da família, sendo surrupiados pelo tio inescrupuloso. Ao labutar

na pequena fábrica administrada pelo parente torpe, identifica e condena o regime exorbitante de trabalho que prevalecia. Afasta-se daquela localidade, transferindo-se para o sul da Bahia em busca de melhores condições de sobrevivência, as quais não são encontradas, pois estão até mais agravadas naquele *locus* campônio. Ali, arranja ocupação na Fazenda Fraternidade, propriedade de Manoel Misael de Souza Teles, considerado o rei do cacau à época. O referido patrão era arrogante, injusto, explorador, desonesto, visto que os trabalhadores contratados em condições sub-humanas permaneciam num regime de semiescavidão, uma circunstância de longa memória histórica nacional. A chegada de José Cordeiro altera a rotina extenuante de laboração do recinto, pois não se assemelhava com os companheiros de faina, além de ser de pele clara e de saber ler e escrever. Na mencionada herdade rural, sofre humilhações do dono autoritário e da filha orgulhosa que se interessou por ele, mas se sentia inicialmente no direito de tratá-lo com desprezo pela sua posição privilegiada de classe. Na aprendizagem da opressão vai de modo gradual se insurgindo contra a ordem secular imposta e afirmando uma identidade ativa de líder, ao obter a admiração e o respeito de outros empregados bem mais humildes. No mesmo latifúndio, conhece Colodino, que se torna um grande confrade no embate ideológico por um outro tipo de organização social, num porvir não tão distante. Em face de uma suposta tentativa de crime de honra, o companheiro de jornada aguerrida pela autoconsciência dos desvalidos do capital abandona os afazeres na roça em direção à capital federal à época, prometendo escrever para contar as boas novas aprendidas na pugna revolucionária. E a expectativa de Sergipano se avoluma quando recebe a muito esperada carta, convocando-o para se juntar na peleja por direitos trabalhistas num grande centro brasileiro de luta operária, selando sua opção de combate político-partidário pelos oprimidos e subalternos do campo e da cidade, irmanados na mesma desdita de sempre.

O narrador de tal romance enfoca a situação miserável dos contratados rurais numa grande extensão de terra fornecedora de commodities. Elege-os, de fato, como os impulsionadores da trama, contudo, a tática diegética peculiar da obra fica por conta do foco narrativo: sob uma configuração retrospectiva (memorialismo), a narração é de responsabilidade específica de um dos jornaleiros alugados. A voz narrativa é cedida a um representante, a um aderente daquele grupo social, com a missão ideológica promissora de trazer à baila o universo degradante e alienado do assalariado campesino brasileiro. A trajetória do narrador-protagonista, de origem urbano-provinciana, ocupa lugar de destaque na fabulação: a infância abastada é logo substituída pelo ofício numa fábrica (primeira aproximação com o mundo laboral), até culminar na imigração com o intuito de tornar-se contratado nas roças de cacau, nas quais observa a exploração aviltante, fato que, depois, o impulsiona a partir para a sede da República, onde desenvolverá com mais largueza sua incipiente consciência de classe. O narrador-protagonista não era, então, proveniente das classes populares, a mudança da situação econômica de sua estirpe o obriga a transformar-se de início em operário e posteriormente em funcionário rural, o que propicia a adesão ideológica ao macrocosmo do espoliado, assegurada pela oportunidade de convivência com os labutadores e a conseqüente observação dessa realidade perversa.

A percepção arguta do narrador-protagonista reconhece a existência de dois mundos, diametralmente opostos, que separam patrões e serviçais, ricos e

pobres, demarcação importante desde o início do romance e que gradativamente ganha relevância no processo de figuração daquela órbita de exploração da faina braçal. A opção ideológica do narrador demarca os dois universos em confronto, deixando clara sua escolha: a condenação do círculo desumano e hostil em que está inserido o trabalhador espoliado. Ao lado da projeção de uma sociedade igualitária em devir, o narrador incentiva a rivalidade entre as classes como o princípio que move a revolta, motor inicial da transformação social. O ódio aos abastados inclui todos os endinheirados, apresentados de modo caricato, farsesco, principalmente o coronel-fazendeiro, bem como sua família (esposa e primogênito), além da própria filha do latifundiário, com quem o narrador principia um idílio amoroso logo rejeitado por considerá-lo uma traição à sua classe de adesão e identificação, ao reconhecer-se como parte constitutiva da força de trabalho disponível e descartável (legiões de homens de reserva à disposição do capitalismo agrário nacional).

Nessa estratégica bifurcação opositiva do estamento social, o narrador demonstra constantemente seu desprezo pelo patrão-fazendeiro, tipo hediondo que busca o lucro econômico a qualquer custo, por meio da exploração da mão-de-obra empregada e da submissão dos funcionários às condições mais aviltantes de moradia e alimentação. A entonação doutrinária do romance evidencia-se na persuasão do narrador em enunciar não só os rudimentos de consciência de classe, como também o desvendamento das relações antagônicas insuperáveis dos segmentos em disputa pelos rumos da História. A cooperação, a camaradagem entre os oprimidos é a senda certa de libertação do processo exploratório capitaneado pelas frações dominantes. Como exemplo, a negativa de Honório em liquidar Colodino, carpinteiro que agredira o filho do patrão e que possuía uma ascendente consciência de classe, é bastante ilustrativa e prenunciadora de alguma aurora.

Toda a benevolência do narrador encaminha-se para a valorização positiva da ambiência do espoliado, por intermédio de um processo de humanização do oprimido e de rejeição do *status quo* histórico que mantinha o indivíduo pobre numa condição de indignidade e indigência, bem como permitia a continuação de um modelo social e econômico opressor. A intenção política do romance está longe de usar o documento social (modelo naturalista) apenas como matéria literária meramente exótica e folclórica. O narrador-protagonista corporifica o processo de conscientização social desencadeado pela experiência amarga do trabalho aviltado pela exploração econômica que culmina na tentativa de uma greve fracassada. A “pedagogia da insubmissão” protagonizada pelo narrador passa necessariamente pela negação e pela refutação do aproveitamento abusivo suportado pelos peões, de antemão, mercedores imediatos de sua adesão ideológica, na luta contra a opressão patronal. A carta do referido carpinteiro, oriunda do Rio de Janeiro, precipita a decisão final de Sergipano de abandonar o posto de trabalho e rejeitar uma interesseira união amorosa com a filha do patrão, uma decisão considerada acertada *a posteriori* pela reminiscência narrativa, exequível pelo presente da enunciação.

Assim, o condutor do relato defende que, no processo de transformação social, os agentes da ação revolucionária são os “condenados da terra”, os únicos capazes de realizar a transformação irrefreável vislumbrada como horizonte de expectativas possível. Toma partido pelos desprovidos e desvalidos, em um *parti-*

pris ideológico de evidente intencionalidade política, dado que eleva o subalterno a agente histórico principal no processo de modificação das estruturas, em uma homologia com o contexto em ebulição do país à época (as intermitências da década de 1930), em que o trabalhador vinha merecendo atenção especial, uma que vez passava a ser sujeito ativo e o centro das lutas pelo poder. A massa laboriosa era disputada tanto pelos idealizadores da política trabalhista do ditador Getúlio Vargas quanto pelos ideólogos de esquerda da luta revolucionária, que reconheciam nas reivindicações da classe obreira sua principal linha de ação. O romance de Jorge Amado correspondia, pela via literária empenhada, a esse momento de enfrentamento, optando claramente pelos interesses dos humilhados e ofendidos do campo e da cidade.

O fruto do cacau, o “ouro branco”, o “mito do eldorado”, uma expressão de temor místico entre ricos e pobres, seus dependentes diretos, é recurso metafórico prevaemente para delinear o movimento histórico brasileiro, um momento de supremacia do cultivo deste produto agrícola que abalizou a economia nacional e, conseqüentemente, as relações de classe em um determinado período de nossa evolução social, sendo uma mercadoria valiosíssima de exportação à época. Numa relação de contiguidade, a proeminência do trecho recai sobre o percurso pavimentado de conflitos político-existenciais do detentor do relato, um homem que tem a sua trajetória radiografada diante das numerosas lutas e entrecosques da altura, trespassada por constantes obstáculos, residente na “cidade maravilhosa” no tempo presente da narrativa, obstinado em traçar um quadro de memórias de seu itinerário, com destaque para a temporada sombria transcorrida num latifúndio descomunal, numa composição textual que expõe cenas de exploração e de resistência face aos entraves vigentes e os posicionamentos requeridos.

O desfecho, sem redenção imediatista, apresenta uma conotação auspiciosa, aberta a probabilidades futuras. Um desenlace que aponta um movimento da História pleno de expectativa que envolve a práxis cotidiana do leitor. De operário fabril a tipógrafo, com uma fase de assalariado nas terras do cacau, o relator narratológico evidencia uma experiência de contrastes e batalhas sem tréguas, tornando-se um representante do proletariado brasileiro, abrindo novos campos de atuação para as classes subalternas. O fruto em pauta, matéria-prima da indústria internacional que fazia coronéis e contratados recearem um suposto alento místico, expande-se ao longo da obra como o centro de uma nova ordem mundial: a agricultura monopolista de exportação que interligava e ainda entrelaçava centro e periferia do sistema-mundo capitalista (o atual lado nada *pop* do agro). Trata-se de um motivador determinante das relações econômicas, sociais e culturais da região, baliza desmedida de reificação e de alienação humanas, tendo em conta a matéria rural brasileira elucidada pela figuração literária realista do romance em tela de Jorge Amado, um projeto literário de longo curso que estava apenas no início nos idos anos 30.

Esse romance de Jorge Amado de evidente conteúdo histórico pode ser observado na atualidade sob o signo de uma reiterada convocação política à ação concreta atemporal, voltado para um reposicionamento anticapitalista dos meios de expressão da alta literatura, visto que há um projeto estético e ideológico de uma escrita artística que desvela uma alargada duração de confronto e de resiliência das classes trabalhadoras, em favor de um estatuto de liberdade e de

autonomia, que vai encontrar abrigo efetivo num presente prenunciador de um futuro alvissareiro, entre a luta constante pela emancipação humana e a certeza da necessidade da vigilância ininterrupta pelo direito à vida, à terra, à educação, à cultura de amplos segmentos populacionais marginalizados ao longo de séculos, num país extremamente desigual caracterizado pela barbárie e pelo reacionarismo, relativamente aos seres descartáveis do capital, em nível nacional e global.

considerações finais

Na obra de Jorge Amado, há uma identificação dos aspectos nefastos de nossa modernidade periférica presentes ostensivamente em todos os romances: a ultra exploração arcaica do trabalhador do campo e da cidade, a presença implacável do latifúndio que impede a ocupação racional e justa do solo, as dificuldades de plena inserção de novos atores sociais no espaço público democrático, como a mulher e o negro. O comprometimento intelectual de Jorge Amado apresenta os entraves de um projeto modernizador inconcluso no Terceiro Mundo, destacando o alto preço de uma modernização atrelada ao capitalismo internacional que aprofunda as desigualdades sociais, subalternizando importantes grupos sociais que encontram na identidade cultural e também religiosa uma das únicas formas de resistência ao processo de homogeneização dos novos modos de vida e trabalho. Estamos diante dos impasses da vida brasileira que são representados na obra de Jorge Amado desde os anos de 1930 e permanecem atualíssimos como problemas não superados e desafiadores de uma nacionalidade integradora.

A presença de uma plena consciência, desde o início da carreira, de que o Brasil é uma nação multicultural, caracterizada por uma formação histórica resultante de uma experiência colonial usurpadora, como saldo negativo, mas que, ao mesmo tempo, possibilitou a interação compulsória, agora com saldo positivo, de três grupos étnicos num mesmo território, europeus, africanos e indígenas, é decisiva como projeto literário em Amado. Trata-se de uma obra que celebra esta multiplicidade como um valor, mas não fecha os olhos para as diversas formas de preconceito, de raça e de religião principalmente, responsáveis, em grande parte, pela permanência de disparidades sociais evidentes na configuração material brasileira, visto que, no Brasil, raça e classe são, em sentido lato, questões sociais equivalentes e o empenho do intelectual comprometido em denunciar e problematizar estigmas e distorções é fundamental para a transposição dos obstáculos históricos observados.

A obra de Jorge Amado externa um projeto estético singular observável em diversas instâncias: na elaboração de uma linguagem literária que valoriza o registro da oralidade e as fontes da cultura popular como bens inalienáveis para a renovação do gênero romanesco; na demonstração de conhecimento das mais sofisticadas técnicas narratológicas da ficção moderna, utilizadas parcimoniosamente com vistas à formação e ampliação do público leitor num país de muitos analfabetos sem acesso à leitura literária; na revitalização de formas narrativas herdadas do passado sempre com a intenção de garantir a comunicação com o público, na democratização da cultura letrada, sem negligenciar as outras manifestações culturais, pelo contrário, incorporando-as; e finalmente, no alento

humanista que emana de uma produção, notadamente romanesca, cuja concepção literária está voltada para a dignificação dos proscritos e para a construção de uma imagem de Brasil das mais poderosas, visto que tem por meta destacar, ressaltar, sublinhar o protagonismo do pobre, especialmente do negro, para a formação de uma específica, particular e relevante identidade cultural brasileira conhecida em todo o mundo como definidora de nossa originalidade como povo e nação caracterizados pela diversidade cultural.

Diante de tais considerações, podemos afirmar, em suma, que o programa romanesco de Jorge Amado, verificável em *Cacau*, pode ser apreendido como uma realização literária paradigmática dos pulsantes anos 1930, cuja dimensão estética e ideológica indicava bússolas auspiciosas em direção às trilhas da emancipação humana em circunscrição local, com perspectiva universalizante, tendo como embasamento um território periférico, atrasado, arcaico, sob o tacão pré-fascista-estadonovista. Passadas tantas décadas, tal obra continua a ser admirada e reconhecida por seus apreciadores, uma vez que o anseio de autodeterminação do sujeito subalterno ultrapassa tempo e espaço particulares e continua a fazer todo o sentido como ideário iluminista, racionalista absoluto e convergente, especialmente em época tão sombria como a nossa: sinal fechado/sinal aberto para a criação artística em tempos tão hostis de ataques cibernéticos e de brutal disseminação de *fake news*.

referências bibliográficas

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. *Jorge Amado: política e literatura*. Rio de Janeiro: Campus, 1979.

ALVES, Ivya. “As relações de poder da crítica literária e os romances de Jorge Amado”. In: FRAGA, Myriam; FONSECA, Aleilton; HOISEL, Evelina (orgs.). *Jorge Amado: 100 anos escrevendo o Brasil*. Salvador: Casa de Palavras, 2013.

AMADO, Jorge. *Cacau*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

AMADO, Jorge. “Discurso de posse na Academia Brasileira de Letras”. In: VVAA. *Jorge Amado: povo e terra – 40 anos de literatura*. São Paulo: Martins, 1972.

BERGAMO, Edvaldo. *Ficção e convicção: Jorge Amado e o neo-realismo literário português*. São Paulo: Editora da Unesp, 2008.

BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: Edusp; Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1989.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 9ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

CERQUEIRA, Nelson. *A política do Partido Comunista e a questão do realismo em Jorge Amado*. Salvador: Casa de Palavras, 1988.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Jorge Amado: romance em tempo de utopia*. Rio de Janeiro: Record; Natal: UFRN, 1996.

FOLEY, Barbara. *Radical representations: politics and form in US. Proletarian Fiction*. Durham: Duke University Press, 1993.

LAFETÁ, João Luís. *1930: a crítica e o modernismo*. 2ª ed. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2000.

LUCAS, Fábio. “A contribuição amadiana ao romance social brasileiro” In: FRATESCHI, Antonio Fernando de (org.). *Cadernos de literatura brasileira: Jorge Amado*. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 1997.

LUKÁCS, Georg. *Materiales sobre el realismo*. Trad. Manuel Sacristan. Barcelona/Buenos Aires/México: Grijalbo, 1977.

LUKÁCS, Georg. “O romance como epopeia burguesa”. In: *Arte e sociedade: escritos estéticos 1932-1967*. Organização, apresentação e tradução Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto. 2ª ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

MORAES, Dênis de. *O imaginário vigiado: a imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-53)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

MICELI, Sergio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil: 1920-1945*. São Paulo: Difel, 1979.

RAILLARD, Alice. *Conversando com Jorge Amado*. Trad. Annie Dymetman. Rio de Janeiro: Record, 1990.

RAMA, Ángel. “Dez problemas para o romancista latino-americano” In: AGUIAR, Flávio; VASCONCELOS, Sandra Guardini T. (org.). *Ángel Rama. Literatura e cultura na América Latina*. Trad. Raquel La Corte dos Santos e Elza Gasparotto. São Paulo: Edusp, 2001.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. *Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil*. Salvador: UFBA, 1995.